

O real e o fim dos sonhos

O processo político que o Brasil começa hoje — quando os primeiros resultados eleitorais devem confirmar ampla vitória de Fernando Henrique Cardoso —, repete o princípio geológico de acomodação de camadas que sucede os terremotos. A etapa imediata pós-eleição ainda é de caráter emergencial — a reforma tributária —, mas já é possível enxergar agora os cenários determinantes da reestruturação partidária que precederá, em 1995, as reformas políticas.

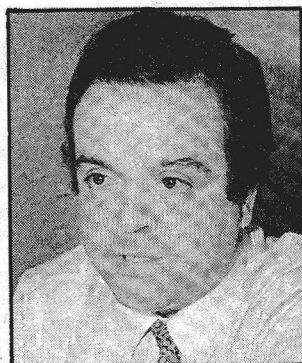
A se confirmarem as projeções feitas com base nas pesquisas, o eleitor terá posto fim em, pelo menos, três “ismos”, com os quais conviveu, em maior ou menor escala, nos últimos anos: o brizolismo, o quercismo e o petismo. É o fim simultâneo de três sonhos de poder ideologicamente diversos, centrados igualmente na figura de líderes carismáticos únicos e absolutos, que morrem quando nasce a esperança do Plano Real.

Guardadas as proporções históricas que os separam, Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva e Orestes Quércia saem de um livro em que foram protagonistas principais e entram em outro que lhes reserva papéis coadjuvantes. Contribuem para isso inúmeros fatores, sendo mais visíveis o desgaste das sucessivas rejeições eleitorais, a fadiga de projetos imutáveis e o amadurecimento do eleitor, mais bem refletido nos humilhantes 3% que condenaram o estilo fisiológico do PMDB quercista.

Brizola paga com a perspectiva de melancólica aposentadoria o erro de ter trocado uma candidatura provavelmente bem-sucedida ao Senado, pela insistência no sonho da Presidência. Ao final, faltou-lhe força política até mesmo para renunciar à candidatura. Não se sabe se o espólio do seu trabalhismo ficará restrito ao partido da Baixada Fluminense — na esteira de uma possível vitória de Anthony Garotinho, no Rio —, ou se haverá uma renovação embalada pelos ventos da assegurada

eleição de Jaime Lerner ao governo do Paraná. Mais provável a primeira hipótese, com a consequente aproximação entre Lerner e o PSDB.

A Lula não será possível mais personificar, daqui em diante, o Partido dos Trabalhadores. A projeção que já se fazia na eleição passada — de sua figura carismática não resistir à derrota para Fernando Collor — confirma-se agora, ante a nova derrota, e o atestado de óbito de sua liderança pessoal é a divisão interna que marcou o partido durante toda sua campanha. Lula deixa de ser a logomarca de um



■ João Bosco Rabello dirige a sucursal de Brasília

**Atestado de óbito
da liderança
pessoal de Lula
é a divisão
interna que
marcou o partido**

partido que nasceu da junção da intelectualidade universitária com a elite do operariado paulista, para integrar-se na discussão interna imposta por corrente mais arejada que deseja o partido livre do sectarismo míope que o caracterizou até aqui.

O resultado eleitoral consolidou a derrota de Quércia na disputa que trava desde o início da década passada pela hegemonia do PMDB, responsável pelo fracasso da legenda e pela fun-

dação, em 1988, do PSDB — então uma dissidência do quercismo. O PSDB assume a Presidência da República e o governo de São Paulo e fortalece-se, atraindo a “resistência” do PMDB, mais nitidamente representada na ala gaúcha do partido — onde despontam o senador Pedro Simon e o virtual governador eleito, Antônio Britto. A “banda podre”, que manteve fidelidade eleitoral a Quércia — e que sofreu seu primeiro e mortal abalo nas degolas, por corrupção, dos deputados Ibsen Pinheiro (RS) e Genebaldo Correia (BA) —, necessariamente irá abandoná-lo em busca de sobrevivência política, coerente com sua natureza fisiológica.

Incapazes de unir-se eleitoralmente pela vitória, em 1989 e agora — o que certamente teria mudado o curso da história —, Brizola e Lula confirmam o aspecto autoritário de suas personalidades e projetos, ao se aliarem, na derrota, à desonesta causa da ilegitimidade da presente eleição.